

O projeto XMEN Apresenta

The XMEN Project Presents

Entre Lugares

Between Places

De Babu

By Babu

Curadoria de Pedro Vaz

Curated by PedroVaz

Entre Lugares

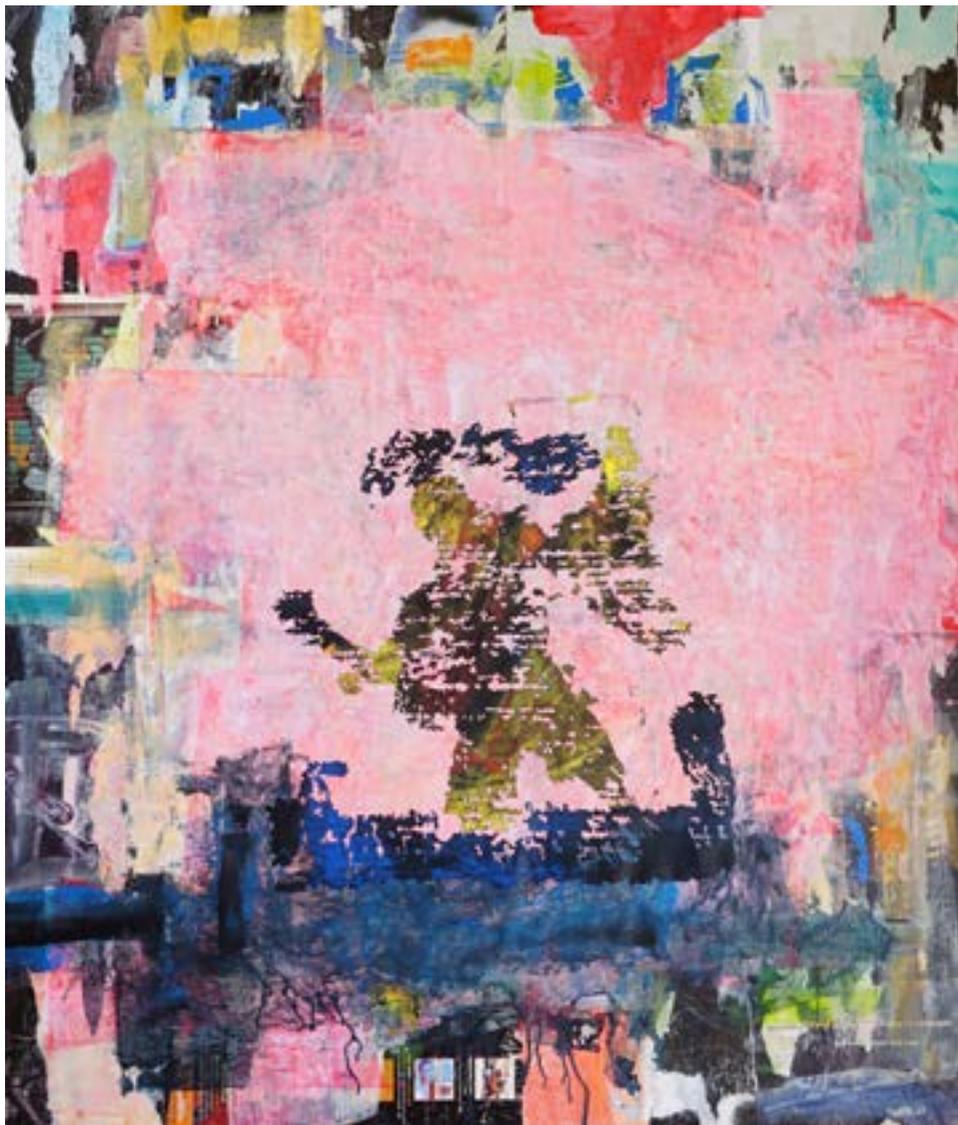
O processo de reconhecimento polariza-se entre o tempo passado, a memória do mesmo, a falsa sensação de infinitude do tempo presente, e o desenho mental dos fenómenos futuros e desconhecidos. Germinam dessa indefinição do mundo: super-heróis que fazemos de nós mesmos, cujos sintomas de humanidade que aparentam ser sinónimos de fraqueza: revelam-se abeirados à nitidez necessária para estabelecer uma posição de autodomínio revigorante, e assim elevar a plasticidade e a potência da inventividade ao patamar do imprescindível. Esta exposição situa uma nova série de Babu alicerçada na problemática alusiva ao universo das masculinidades e da análise de vozes que testemunham uma consciencialização genuína sobre como a masculinidade pode ser reestruturada de modo a torná-la mais poética e regenerativa. Este conjunto de seis obras compõe esta sala do Convento de São Francisco com uma proposta de reflexão sobre como as nossas atitudes podem ser debatidas quanto debatíveis, e que assumindo essa condição de forma clarividente, nos possamos tornar em humanos cada vez mais transponíveis entre nós, entre lugares pelos quais o encantamento se dá através da integridade e clarividência na forma de repensar os nossos próximos passos.

Pedro Vaz

Between Places

The process of recognition is polarized between the past time, the memory of it, the false sense of infinitude of the present time, and the mental design of future and unknown phenomena. The superheroes we make of ourselves, whose symptoms of humanity that appear to be synonymous with weakness, germinate from this vagueness of the world. They turn out to be closer to the sharpness needed to establish a position of invigorating self-mastery, and thus raise the plasticity and power of inventiveness to the level of the indispensable. This exhibition features a new series by Babu based on the landscape of masculinities and the analysis of voices that testify to a genuine awareness of how masculinity can be restructured to make it more poetic and regenerative. This set of six works makes up this room at the Convento de São Francisco with a proposal to reflect on how our attitudes can be debated as much as they can be refuted, and that by assuming this condition in a clairvoyant way, we can become increasingly transposable humans among ourselves, among places where enchantment occurs through integrity and clairvoyance in the way we rethink our next steps.

Pedro Vaz



O início - 90 x 78 cm Técnica mista s/tela de 2024. Mix media on canvas

O início é como quando se está na adolescência...a mistura de informações que ainda não sabemos canalizar e a necessitar de orientações.

The beginning is like when you're a teenager... the mix of information that we don't yet know how to channel and in need of guidance.

No atelier: Babu

Antes da inauguração de “Entre Lugares”, foi feita uma entrevista com o artista, na qual eu, enquanto curador desta última exposição, propus um conjunto de perguntas alusivas ao seu universo estético e como este foi traduzido para esta nova exposição.

Por Pedro Vaz

Como pensaste esta nova série de seis obras que irão compor a tua próxima exposição no Convento de São Francisco?

Como sabes é um tema muito delicado que dá resultado a exclusão social, numa era de sofisticação do ser humano e quando as nossas preocupações estão voltadas para criações de eventos e objetos tecnológicos daí tudo bem, só que passamos a ser uma força geológica contra nós mesmo em vez de força biológica para aquilo que existimos, fala-se, mas ainda com um certo tabu infelizmente. É o resultado de vermos de vez em quando surgir um ser humano capaz de incutir a ideia de ser o grande e o primeiro, aí devemos começar a refletir seriamente sobre isso. Foi com base nas atividades desenvolvidas com os jovens, como sabes, em situação de reclusão, e, com os fatos de relações e aprendizagem que a vida nos obriga desde a nascença. Isso porque todos temos histórias de violência, e cada um à sua medida, assim como cada um de nós tem diferentes maneiras de absorver e resolver ao longo do tempo, alguns podem conseguir, outros não, ou pode transformar-se em perseguição fantasma.

De que forma é que a materialidade destas obras potencializa a exposição?

São pinturas aplicadas com várias técnicas, algumas com colagens e impressões em serigrafia de forma a torná-las mais orgânicas. E uma das obras é um vídeo, sonorizado com música feita pela Kénia que é um Free-style com o violoncelo, também baseado a partir das atividades com os jovens, onde expressam os seus sonhos, lutas, e aprendizagem nos Centros de Educativos.

Tendo em consideração a natureza antropológico-social do projeto XMEN(do qual surge esta nova exposição “Entre Lugares”), de que forma é que o universo dos testemunhos das comunidades jovens que participaram nestas entrevistas, entraram no teu universo artístico?

Como sabes, o que tenho vindo a desenvolver no fundo tem muito a ver, porque o projeto Memória e Identidade é antropológico-social e obriga -me a absorver tudo que se passa à minha volta. Desde o meu cotidiano entre relações, as sinergias que transmitimos uns aos outros.” Entre Lugares” é a deslocação a que todos estamos sujeitos e isso até mesmo estando no mesmo território, olha, o exemplo real é: tu deslocaste-te para Coimbra e foi assim que nos conhecemos, talvez fosse num outro lugar ou até nunca. Por isso devíamos começar a pensar seriamente naqueles discursos essencialistas e puristas que no fundo tudo é uma transformação, não há puro! No caso destes jovens é a obrigação de reaprender, e como sabes das conversas que temos tido aqui no ateliê, não compactuo com um modelo de vida, onde temos todos de obedecer a um modelo que nos obriga a uma vida padronizada. Daí olhar para esse cotidiano de forma a absorver estas sinergias, que é da forma quando me refiro sobre o ser tribal que dá muitas vantagens no crescimento juvenil! Porque há situações que nos acontecem na adolescência, que podem bloquear toda a nossa vida adulta e infelizmente nem todos conseguem superar, que no fundo não é esquecer, mas saber que aconteceu e não deixar isso afetar-nos. Por isso é um desafio estimulante num universo onde tu também passaste a fazer parte dele desde que começamos a trabalhar no projeto, as conversas que temos tido, a música que ouvimos a literatura e textos que gostamos ou não, as tuas ideias em relação a este assunto que é tão delicado, tudo isso contribuiu para materializar e concretizar cada peça de forma diferente ao mesmo tempo no mesmo diálogo.

Com que motivação pensas no potencial reflexivo desta nova exposição, principalmente nas questões alusivas ao tema das masculinidades?

Em princípio penso numa nova forma de educação por mais evoluída que seja esta que temos, conforme leste no relatório de pesquisa que nos foi dado pelo CES, e as entrevistas a que também tiveste acesso, constatamos que normalmente é o homem a falhar ou seja, o pai. A referência de alguém que está a começar a perceber da vida, é de fato bastante complexo a imaginação de um adolescente, no meu caso a questão de pai felizmente não é algo traumático com o pai ausente, mas as referências que tenho é só da mãe e sempre foi normal, talvez por ter nascido numa sociedade que em base são as mães que dão as referências aos filhos. Desde pequeno que cresci em vários lugares, como Malanje, Kinshasa, Matadi, Uíge e Luanda foi sempre com a mãe por perto enquanto o meu pai andava nas matas com o movimento e era o início da guerra civil em Angola.

O projeto desta nova exposição surge como um dos momentos da programação de uma investigação académica no campo das Ciências Sociais. De que forma é que esta colaboração entre o campo da investigação académica e o campo das artes compõe um exemplo para pensar na harmonia entre a ciência e a produção artística?

A arte no fundo está sempre ligada à ciência, seja na matemática como no campo sociológico e histórico, e esse tema veio dar-me mais a certeza das dúvidas em relação ao modelo de família que é implementada em várias culturas ao longo dos séculos. A pesquisa académica não é muito diferente daquela da arte atualmente. É que, também tem de se fazer uma pesquisa visual e muitas das vezes podemos agarrar em algo como referência, mas como ponto de partida, isso para responder uma parte da tua pergunta sim! Podemos encontrar harmonia entre a ciência e a produção artística. É um campo a ser explorado, e de diversas formas. Este trabalho tem sido divertido e além do mais, sabes que há um outro campo que é a da criatividade, a da inspiração que dá a diversão, que por norma acaba no dia da inauguração.

Pedro Vaz organiza desde 2014, em Coimbra, exposições e performances. Completou entre 2013 e 2018 a Licenciatura e Mestrado em Estudos Artísticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Atualmente é doutorando em Artes e Mediações pela FCSH da Universidade NOVA, e faz curadoria independente pelo Coletivo Gambuzino, fundado por si e por Emanuela Boccia em 2023.

In the studio: Babu

Before the opening of *Entre Lugares (Between Places)*, an interview was held with the artist in which I, as curator of the last exhibition, asked a series of questions about his aesthetic universe and how it was translated into this new exhibition.

Pedro Vaz

How did you come up with this new series of six works that will make up your next exhibition at the Convento de São Francisco?

As you know, it's a very delicate subject that results in social exclusion, in an age of human sophistication and when our concerns are focused on creating events and technological objects, that's fine, but we become a geological force against ourselves instead of a biological force for what we exist. It's talked about, but still with a certain taboo, unfortunately. It's a result of seeing every now and then a human being capable of instilling the idea of being the great and the first, and then we have to start thinking seriously about it. It was based on the activities carried out with young people, as you know, in a situation of confinement, and with the facts of relationships and learning that life forces on us from birth. That's because we all have a history of violence, and each one of us has different ways of absorbing and resolving it over time, some of which may succeed, or may turn into phantom persecution.

How does the materiality of these works enhance the exhibition?

They are paintings applied using various techniques, some with collages and silkscreen prints to make them more organic. And one of the works is a video, soundtracked with music made by Kénia, which is a Freestyle with the cello, also based on the activities with the young people, where they express their dreams, struggles and learning in the Education Centers

Bearing in mind the anthropological-social nature of the XMEN project (from which this new exhibition "Between Places" arises), how did the testimonies of the young communities who took part in these interviews enter your artistic universe?

As you know, what I've been developing has a lot to do with it, because the Memory and Identity project is an anthropological-social project that forces me to absorb everything that goes on around me.

From my day-to-day relationships to the synergies we transmit to each other. "Between Places" is the displacement that we are all subject to, even if we are in the same territory. Look, the real example is: you moved to Coimbra and that's how we met, maybe As you know, what I've been developing has a lot to do with it, because the Memory and Identity project is an anthropological-social project that forces me to absorb everything that goes on around me. it would be somewhere else or maybe we would never meet. That's why we should start thinking seriously about those essentialist and purist discourses Deep down, everything is a transformation, there is no pure! In the case of these young people, it's the obligation to relearn, and as you know from the conversations we've had here in the studio, I don't agree with a model of life where we all must obey a model that forces us into a standardized life. That's why I look at everyday life in such a way as to absorb these synergies, which is how I talk about being tribal, which has many advantages for growing up as a teenager! Because there are situations that happen to us in adolescence that can block our entire adult life and unfortunately not everyone manages to overcome, which is not to forget, but to know that it happened and not let it affect us. That's why it's a stimulating challenge in a universe where you've also become part of it since we started working on the project, conversations we've had, music we've listened to, literature and texts we like or don't like, your ideas on this subject, which is so delicate, have all contributed to materializing and making each piece come true in a different way at the same time in the same dialogue.

What motivates you to think about the reflective potential of this new exhibition, especially on issues related to masculinities?

Initially, I'm thinking that a new form of education, however evolved it may be, as you've read in the research report given to us by CES and the interviews that you've also had access to, we've seen that it's usually the man who fails, in other words, the father.

The reference of someone who is just beginning to understand life is actually quite complex for a teenager's imagination. In my case, the question of a father is fortunately not something traumatic with an absent father, but the references I have are only from my mother and that has always been normal, perhaps because I was born into a society in which mothers are the ones who give their children references. Ever since I was a little boy growing up in various places, such as Malanje, Kinshasa, Matadi, Uíge and Luanda, it was always with my mother close by while my father was out in the woods on the move and it was the beginning of the civil war in Angola.

The project for this new exhibition came about as part of a program of academic research in the field of Social Sciences. How does this collaboration between the field of academic research and the arts set an example for thinking about the harmony between science and artistic production?

Art is essentially always linked to science, whether in mathematics or in the sociological and historical fields, and this topic has made me more certain of my doubts about the family model that has been implemented in various cultures over the centuries. Academic research is not very different from art today. You also have to do a visual search and often you can take something as a reference, but as a starting point, to answer part of your question: yes, we can find harmony between science and artistic production! It's a field to be explored, and in different ways. This work has been fun and you know that there's another field, which is creativity, the inspiration that provides the fun, which usually ends on the opening day.

Pedro Vaz has been organizing exhibitions and performances in Coimbra since 2014. Between 2013 and 2018, he completed his BA and MA in Artistic Studies at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra. He is currently studying for a PhD in Arts and Mediations at NOVA University's FCSH, and is an independent curator for the Gambuzino Collective, which he and Emanuela Boccia founded in 2023.



O Santo - 90 x 75 cm Técnica mista s/tela de 2024 . Mix media on canvas

O Santo como alguém que veio ao mundo para aprender a viver e ainda não conseguiu.

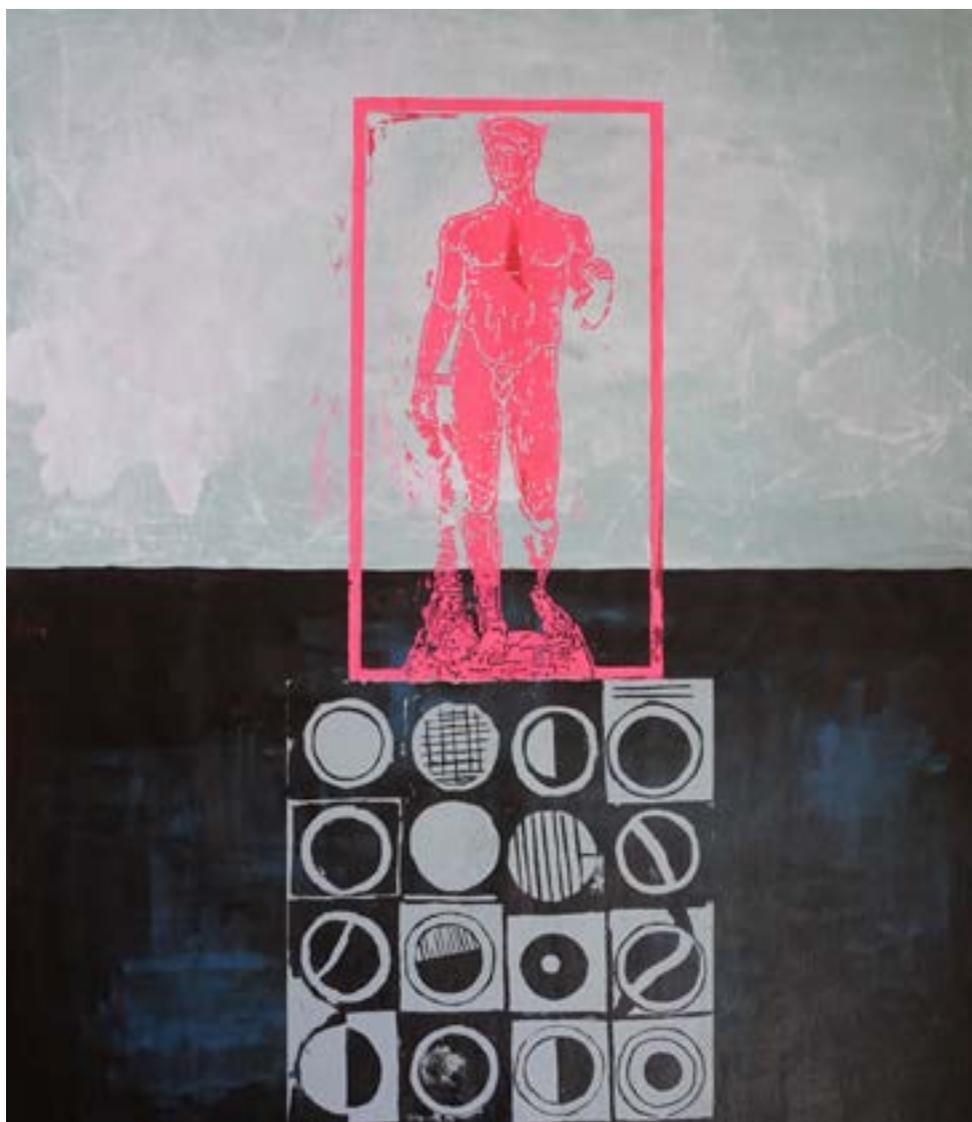
The Saint as someone who came into the world to learn how to live and has not yet managed to do so.



Não há sagrado sem profano - 90 x 76 cm Técnica Mista s/ tela 2024
Mix media on canvas

Sem profano não há sagrado: a questão espiritual como guia para o lugar de paz e harmonia, que, no fundo, temos de construir em nós próprios.

Without profane there is no sacred: the spiritual question as a guide to the place of peace and harmony, which, deep down, we have to build within ourselves.



A Perfeição - 90 x 75 cm Técnica mista s/tela de 2024. Mix media on canvas

A perfeição, o modelo de homem é construído para grupos de jovens 'entre lugares', entre a referência dominante do homem caucasiano, ocidental, patriarcal e o que é tribal, indígena, oriental.

Perfection, the model of man is constructed for groups of young people 'between places', between the dominant reference of the Caucasian, Western, patriarchal man and that which is tribal, indigenous, Eastern.

A escalada, baseada na filosofia africana que demonstra como é preciso muito esforço e determinação para cumprir as metas estabelecidas e superar todos os desafios.

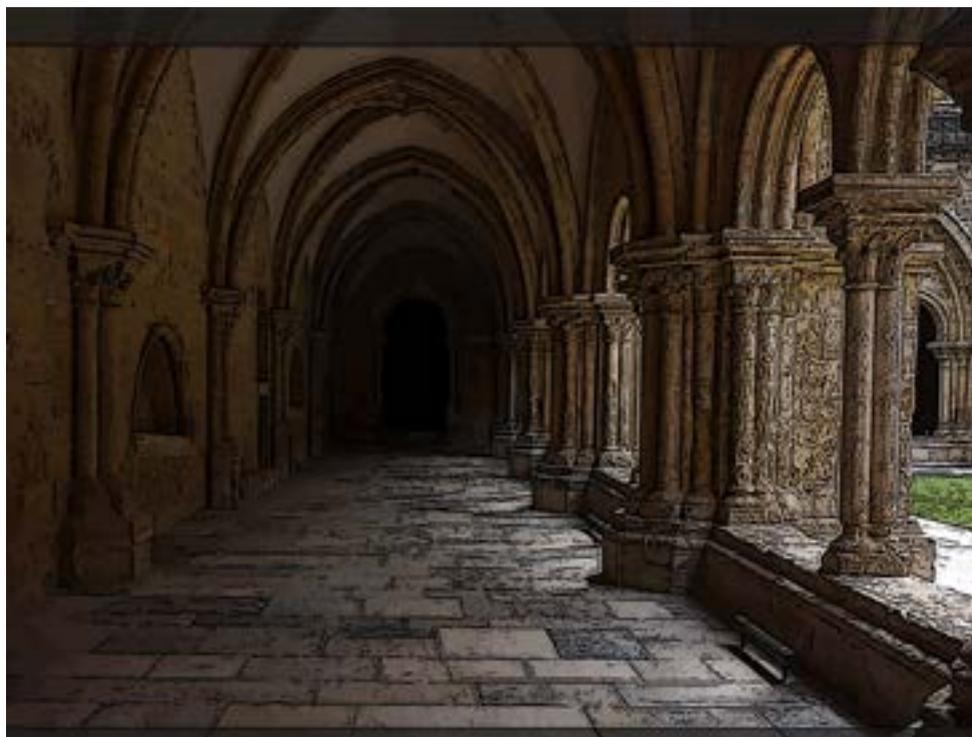


A escalada - 76 x 90 cm Técnica mista s/tela de 2024



Climbing, based on African philosophy that demonstrates how it takes a lot of effort and determination to meet established goals and overcome all challenges.

Mix media on canvas 2024



Video art

Vídeo - “Quero ser eu”

Produção e realização: Babu

Music: Vivaldi - As Quatro Estações – Interpretada por: Kénia Francisco

Video - “I want to be me”

Production and direction: By Babu

Music: Vivaldi - The Four Seasons – performed by: Kénia Francisco

“Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e opiniões expressos são da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem necessariamente os da União Europeia, nem esta última pode por elas ser responsabilizada.”

“Funded by the European Union. The views and opinions expressed are the sole responsibility of the author(s) and do not necessarily reflect those of the European Union, nor can the latter be held responsible for them.”

O artista teve o apoio de:

The artist had the support of:



Edição

